

Encerramento

Quando Dona Rosália terminou, todos choravam...

Veloso, enxugando as lágrimas, conseguiu simplesmente balbuciar a prece final:

— Deus de Infinita Bondade, nós te agradecemos o amor de nossas mães!... Guarda-as para sempre sob Tua Bênção, conferindo-lhes a felicidade que não lhes sabemos dar.

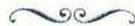
Louvido sejas, Pai Nosso! Assim seja.

*
* *

Depois da oração, por muito tempo, ninguém pôde articular palavra.

Dona Zilda, no entanto, após distribuir a água fluidificada, serviu aos presentes saboroso café, acompanhado com as fatias do bôlo de que Marta lhe fizera oferta.

A seguir, rumou para o casebre de Glicério, a fim de ali ajudar no que lhe fôsse possível.



Quinta Reunião

No horário habitual do terceiro domingo de maio, Dona Zilda estava a postos na preparação do ambiente.

Sôbre a toalha, muito branca, que dava um tom de tranquilidade e alegria ao aposento, achavam-se os livros e o jarro com água pura.

Veloso e os filhinhos, juntamente de Marta, deram entrada no recinto.

O grupo conversava, afetuosamente, mas o relógio lembrou-lhes a obrigação em pauta, badalando as seis da tarde.

Prece Inicial

O mentor do conjunto orou, reverentemente:

— Senhor Jesus, deste-nos vida dinâmica, para que seja naturalmente vivida. Movimenta-se nosso corpo, o tempo avança e a evolução caminha.

Ajuda-nos, Senhor, para que a nossa fé também ande, a expressar-se em ação permanente no bem.

A ti, Excelso Benfeitor, que traduziste confiança no Pai, em amor aos semelhantes, encomendamos a nossa aspiração de servir.

Assim seja!

Leitura

Efetuada a oração de início, Veloso entregou o Novo Testamento às mãos de Marta, que o abriu, cuidadosamente, devolvendo-o ao orientador, que se deteve, conforme de hábito, no exame dos textos, passando a ler o versículo 12 do capítulo 15, nas anotações do Apóstolo João: «O meu mandamento é êste — que vos ameis uns aos outros, assim como vos amei.»

Completando-se a preparação do comentário, Cláudio foi indicado para consultar a lição de «O Evangelho segundo o Espiritismo».

Aberto o volume e entregue a Dona Zilda, por recomendação de Veloso, a mãezinha, satisfeita, leu comovente mensagem de Vicente de Paulo, em tórno da caridade, inserta no capítulo XIII, entre as «Instruções dos Espíritos».

Comentário

Finda a leitura, o orientador falou com segurança:

— Temos hoje um dos mais belos temas do Cristianismo — a caridade. Tão belo que Allan Kardec o inscreveu por senha no portal de seus princípios: «Fora da caridade não há salvação.»

E' que a caridade é o próprio amor que o Mestre nos legou.

E o amor do Cristo é luz que se estende a todos. Não apenas devoção afetiva aos que nos co-

mungam a experiência do lar, mas devotamento fraternal a tôdas as criaturas.

Seja onde for que surja a necessidade, a prestação de serviço é nosso simples dever.

A provação dos outros vale para nós como escola bendita, em que aprendamos igualmente a sofrer.

Educandários diversos são mantidos para que adquiramos determinados conhecimentos.

A química e a física, o idioma e a história pedem professôres especiais.

A experiência do cérebro exige a formação de vastos programas de ensino.

O coração, ou melhor, o sentimento reclama o serviço do bem para instruir-se. E nenhuma instrutora mais eficiente que a caridade para infundir-nos entendimento.

A mão que se alonga para pedir-nos o necessário é uma oportunidade para que exerçamos o bem; mas constitui igualmente silenciosa acusação contra o egoísmo, na retenção do supérfluo.

Contemplando infelizes crianças que não dispõem do agasalho e do pão com que se mantenham, somos espontâneamente forçados a situar-nos em lugar delas.

A falta de trabalho remunerado, a moléstia insidiosa, a dificuldade maior em família e o fogão sem lume podem ser amanhã infortúnio igualmente nosso. Em razão disso, pelo menos ceder o que nos sobra, a benefício daqueles que carecem do essencial, é tarefa que se nos impõe à consciência.

Entretanto, não é sòmente nos atos exteriores

que a virtude sublime transparece para a edificação moral da Humanidade.

A caridade é também atitude do coração nos menores gestos.

Quantas vezes perdemos o governo de nós próprios, confiando-nos à irritação e à discórdia!...

Nesses instantes, ficamos sempre entregues à compaixão dos que nos observam.

Reparando nossos erros e identificando a necessidade de sermos perdoados, sentimos de perto como se faz imperioso o culto incessante da caridade em nossas relações uns com os outros.

Olvidar as ofensas de que sejamos vítimas, não somente com os lábios, mas com todo o nosso coração, reconhecendo que poderíamos ter sido os ofensores, é manifestação de amor puro.

Calar as imperfeições alheias, entendendo que possuímos também as nossas, é ajudar nas situações mais difíceis, ainda mesmo despertando a calúnia contra nós, — é começar a viver a fraternidade sem mácula.

Quantas pessoas desejariam ter sido retas e nobres!

Quantas rogam a Deus forças para que saiam do campo de sombra em que se aprisionam por falta de vigilância!...

Muitas delas estimariam pronunciar as palavras mais afáveis e mais doces; entretanto, o sentimento mal conduzido indu-las a falar desajeitadamente...

Muitas aspirariam a impressionar de modo

agradável; contudo, transportam consigo mutilações e doenças!

Coloquemo-nos na posição delas e a caridade silenciosa que Jesus nos ensinou permanecerá conosco, inspirando-nos compreensão e bondade.

No trato da Natureza, igualmente, é fácil anotar os efeitos da divina virtude.

Os animais, tratados com respeito e brandura, sem dificuldade se tornam amigos fiéis do homem.

As plantas que nos recolhem carinho e cuidados produzem sempre mais, em nosso próprio favor.

O solo que adubamos, valorizando-lhe o concurso, responde-nos com a colheita farta, e as fontes que protegemos sustentam-se abundantes e cristalinas.

Precisamos de caridade, meus filhos, em todos os atos da vida. Seja na oferta de nossos préstimos, a benefício dos outros, seja no receber o auxílio daqueles que nos são úteis, seja no falar para não ferir a quem ouve ou seja no calar, a fim de que outros falem com mais inexperiência ou mais autoridade que nós.

Enfim, é a caridade, significando amor fraterno e espontâneo, tão necessária à nossa existência, quanto o pão que nos sustenta ou o ar que respiramos, porque, em verdade, tudo o que nos cerca na vida é a expressão permanente do amor de Deus.

Conversação

Findo o comentário, o grupo doméstico entrou na conversação usual:

LINA (Dirigindo-se a D. Zilda) — Mãezinha, já que o papai falou sobre a caridade, porque a senhora não diz alguma coisa também?

D. ZILDA — Creio, filha, que a caridade é uma espécie de árvore invisível, cujas raízes estão em nossa própria casa. Se não formos bondosos e tolerantes, entre as paredes do lar, como seremos bondosos e tolerantes para com os outros? E' aqui, em nossa luta mais íntima, que iniciamos o aprendizado da virtude celeste.

Se o papai chega do serviço, mostrando-se fatigado, é indispensável saibamos entender-lhe a necessidade de repouso, cessando o falatório ou o barulho. Se a refeição não apresenta os pratos de nossa preferência, se o café não nos satisfaz, é preciso aprender a sorrir, esquecendo os nossos caprichos e agradecendo às mãos que no-los preparam.

LINA (Fitando brevemente o irmão) — Ainda ontem, quando o gatinho vomitou na sala, Cláudio agastou-se com Marta por tardar na limpeza, gritando palavras feias...

CLÁUDIO — Ora essa! eu queria o asseio...

LINA — Mas, se Cláudio fôsse caridoso, não precisava ter reclamado o serviço de Marta, não é, mãezinha?

D. ZILDA — O serviço em casa é de todos.

VELOSO — Diga, pois, minha filha, que se exercermos a caridade mútua, não reclamaremos de ninguém êsse ou aquêlê trabalho. Se você viu a necessidade de higiene na sala, e ficou a esperar por Marta, a sua atitude não foi recomendável. Afirma você que Cláudio foi indelicado, mas você, que via

o quadro de serviço, poderia também ter sido caridosa para com Marta e para com o seu próprio irmão. Para com Marta, diminuindo-lhe a carga de trabalho, e para com Cláudio, ensinando-o como se deve agir.

MARTA (Sorrindo) — Reconheço-me culpada; entretanto, estava preparando bolos na cozinha, e o azeite a ferver não me deixava arredar o pé.

D. ZILDA — Marta, você não precisa justificar-se.

VELOSO (Sorridente) — Não nos achamos num tribunal. Salientamos, apenas, o impositivo de sermos indulgentes, porquanto a caridade deve comparecer em tudo...

CLÁUDIO — E quando Evandro e João, os meninos da vizinha, me atiram pedras?

VELOSO — Meu filho, antes de qualquer reação, é imprescindível examine você a própria consciência, verificando se não existe alguma ofensa de sua parte a êles. Não se lembra de havê-los aborrecido? Responda sinceramente.

CLÁUDIO (Hesitante) — Bem, achei-os tão miúdos e tão magros que chamei-lhes, na escola, «magricelas».

VELOSO — Alegro-me ao saber que você está falando a verdade, porque eu mesmo, há tempos, sem que me percebessem, observei que você os injuriava, de nossa janela. E' muito raro, meu filho, haja persistência nesse ou naquele insulto, quando não o alimentamos, porquanto, se somos desconsiderados e perdoamos com tôda a alma, a onda de crueldade ou de sombra não segue para a frente.

O mal é como a fogueira. Se não encontra combustível, acaba por si mesma.

CLÁUDIO — Papai, e se eu não os tivesse ofendido e êles me apedrejassem mesmo assim?

VELOSO — Nossa obrigação, meu filho, seria fazer silêncio e orar por êles, evitando qualquer ocasião de agravar o conflito. Pela oração, a Bondade de Deus nos daria oportunidade de mostrar-lhes o nosso aprêgo.

MARTA — Senhor Veloso, peço licença para contar aqui uma experiência sôbre a oração. Nós temos uma vizinha, Dona Mercedes, que não conseguiu simpatizar comigo, desde a minha vinda para cá. Certa noite, ouvi o senhor dizer a Dona Zilda que é caridade orar por aquêles que não nos estimam, a fim de que se faça harmonia entre êles e nós. Desde então, e isso faz muito tempo, comecei a lembrar-me de Dona Mercedes em minhas orações, rogando a Deus para que ela me perdoasse pela antipatia gratuita que eu lhe causava. Na terça-feira da semana passada, ela dirigiu-se a mim, perguntando se eu poderia auxiliá-la na confecção do bôlo de aniversário do Raulzinho, seu filho caçula. Muito contente, aceitei o convite e, com permissão de Dona Zilda, fui para a casa dela, durante a noite, e consegui armar o bôlo e adorná-lo. Confesso ao senhor que fiz tudo com muita alegria e com muito carinho. Quando Dona Mercedes chegou à copa e notou o meu pequeno trabalho, ficou muito feliz e abraçou-me pela primeira vez. Desde êsse dia, ela me cumprimenta, fitando-me nos olhos com muita bondade e, com grande surpresa para mim,

deu-me uma linda colcha usada para minha cama.

VELOSO — E' uma experiência admirável, Marta. A oração dispõe e a caridade realiza. Como reconhecemos, é imprescindível cultivar a caridade com tudo, tudo...

CLAUDIO — Papai, o senhor disse «caridade para com tudo»... Como terei caridade para com uma xícara ou para com uma cadeira?!...

VELOSO — Como não? Uma xícara ou uma cadeira, manobradas com maldade, podem fazer alvoroço e alvoroço em casa pode provocar enfermidade ou perturbação. A xícara serve-nos à mesa e deve ser lavada com cuidado. A cadeira serve-nos ao descanso e merece respeito.

D. ZILDA — Meus filhos, o lar é a nossa primeira escola. Sem aprendermos aqui as lições da bondade, a se expressarem na paciência e na tolerância, no carinho e no entendimento que devemos aos que nos cercam, em vão ensinaremos, fora de nossa casa, qualquer virtude aos outros.

VELOSO — E a todos nos cabe render graças a Deus por saber que é assim.

Nota Semanal

Veloso notificou que relataria um episódio edificante, sob o tema estudado, episódio êsse que intitularia:

A BENFEITORA OCULTA

Em grande cidade brasileira, D. Rita Amaral,

pobre viúva, mãe de dois meninos paralíticos, lavava roupa, a fim de ganhar o pão.

Humilde e resignada, seu maior consólo era ouvir as lições do Evangelho, numa grande instituição espírita, responsável por vários serviços diários.

Numa noite em que abnegada irmã falara expressivamente quanto à assistência social, com alicerces na caridade pura, Dona Rita pediu avistar-se, em particular, com o diretor da organização.

Conversaram ambos, longamente.

Decorridos alguns dias, algo aconteceu no templo, chamando a atenção de todos.

Os vasos sanitários daquela casa de socorro espiritual amanheciam brilhando.

Todos os freqüentadores e visitantes se admiravam da limpeza sistemática e singular dos aludidos departamentos, o que perdurou por dezenove anos consecutivos, até que D. Rita desencarnou.

Foi então que o presidente do instituto, ao recordar-lhe a figura correta e simples, revelou que fôra ela a benfeitora oculta da casa, efetuando-lhe as tarefas de higienização, sem qualquer pagamento, durante quase quatro lustros.

Não lhe sendo possível colaborar com dinheiro, nas obras assistenciais da agremiação, oferecera-se para o asseio diário do edifício e, porque lhe não era possível comparecer durante o dia ao trabalho, à face dos deveres de mãe para com os filhinhos algemados ao catre, vinha, pontualmente, pela madrugada, atender ao serviço.

O exemplo comoveu a todos e, ainda hoje, nos infunde a maior impressão.

Encerramento

Ante a quietude da pequena assembléia familiar, Veloso tomou a palavra e formulou a prece de encerramento:

— Senhor Jesus, desejamos aprender a servir.

Ensina-nos, Mestre, a procurar-te a presença divina no serviço de todos os dias! Entregamos-te, assim, as nossas vidas com os nossos sentimentos



e idéias, com as nossas mãos e com as nossas possibilidades, rogando disponhas de nós, segundo a tua vontade. Assim seja!

*
* *

Logo após, D. Zilda distribuiu a água fluidi-

ficada, entendendo-se com o pequeno grupo que conversava sôbre a beleza das lições de Jesus.

Lá fora, o céu noturno, resplendente de estrêlas, parecia expressar à Humanidade um convite à paz e à ascensão, destacando-se entre as constelações o Cruzeiro do Sul no seu elevado simbolismo de libertação...

F I M

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

PAI NOSSO

Meimei é também a autora deste precioso livrinho dedicado às crianças de todo o Brasil.

Fazendo tudo girar em tórno da prece dominical, ela apresenta edificantes lições sôbre diferentes pontos da vida, entremeadas com pequenas histórias, pensamentos, reflexões e mimosas quadras que tôda criança gostará de decorar.

Impresso em côres, com vários desenhos e numa linguagem fácil, não temos dúvida de que agradará a quantos o lerem.

FERNANDO FLORES

SEARA INFANTIL

Vinte historietas e cinco graciosas poesias destinam-se, nesta obra, à evangelização da criança espírita.

Em cada página se deparam admiráveis lições de moral cristã, a par de utilíssimos "Exercícios" que ampliam os conhecimentos intelectuais da criança estudiosa.

Seara Infantil, pelo seu alto valor didático, deve figurar nas bibliotecas dos lares e escolas espíritas.